

Trabalhadores informais e governo local : o caso do carnaval de Recife¹

Fernando Burgos Pimentel dos Santos²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é realizar uma análise preliminar das condições de trabalho de dois tipos de trabalhadores durante o Carnaval de 2005 no Recife: os vendedores de alimentos e bebidas oriundos da Comunidade do Pilar e os catadores de materiais recicláveis, que trabalharam no Bairro do Recife Antigo e que não estão vinculados a nenhuma cooperativa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e os dados foram obtidos através da observação participante e de entrevistas abertas com os vendedores ambulantes e catadores. Esses instrumentos permitiram a observação *in loco* e possibilitaram uma compreensão mais ampla dos problemas vividos no cotidiano do trabalho. A análise indica que apesar destes trabalhadores contribuírem para o sucesso do carnaval, as condições de trabalho são muito precárias e que apesar do empenho do poder público local no planejamento e realização do carnaval do Recife não há ações específicas suficientes para melhoria da situação destes trabalhadores.

Palavras chave: economia informal, carnaval, catadores de material reciclável, vendedores ambulantes.

ABSTRACT: This article presents and discuss an provisory analysis of the labor conditions of two kind of informal workers: the food and drink street vendors from the Pilar Community and the recyclable materials collectors that have worked at the Old Recife neiborhood during the Recife carnival 2005. That is a qualitative research and the data was collected by participant observation and open interviews with the street vendors and the collectors. These instruments of research made possible a comprehension of the daily problems in this kind of work. The analysis shows that although these workers contributed a lot to make the carnival a success the labor conditions are precarious and there is not enough specific actions from the government to improve it.

Key words: informal economy, carnival, street vendors, recyclable materials collectors

¹ Este artigo foi escrito a partir dos dados obtidos com a pesquisa “A melhoria das condições socioeconômicas dos trabalhadores informais no carnaval do Recife” realizada como trabalho de conclusão de curso em fevereiro de 2005.

² Graduado em Administração Pública pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo - Fundação Getulio Vargas. Av. Floriano Peixoto 200 apt 22.CEP 11060-302. Santos SP. fernandoburgos@uol.com.br

Introdução

O Carnaval é considerada a maior festa popular do Brasil. Sem dúvida, é uma excelente oportunidade de resgatar tradições, preservar a cultura local e reafirmar os estreitos laços de amizade, entre as comunidades que participam desse evento. Mas, é também uma excelente oportunidade de geração de trabalho e renda.

E, desde que o Carnaval começou a delinear o formato atual, a sua capacidade de incrementar a renda das famílias pode ser percebida. Ferreira (2004) cita uma passagem de um jornal da época, que demonstra que o Carnaval já era considerado um bom negócio em 1848:

Além do comércio organizado, o cidadão comum também se aproveitava da folia para aumentar seus rendimentos, e novos modos de lucrar com a festa não paravam de surgir, como o de um certo proprietário de imóvel no Rio de Janeiro que oferecia 'quartos decentes para os máscaras se vestirem, ficando-se responsável pelos objetos que os mesmos deixarem depositados' (Jornal do Commercio, de 4 de março de 1848). (FERREIRA, 2004, p.116).

Como é possível observar, o comércio informal sempre fez parte das comemorações carnavalescas. No entanto, atualmente, sempre que há uma referência a essa possibilidade de reconhecer a potencialidade econômica do Carnaval, ela está diretamente relacionada ao imenso fluxo de turistas, às imagens dos grande hotéis, das companhias aéreas e dos restaurantes. É muito raro ler ou ouvir comentários sobre os trabalhadores informais que aproveitam o evento para aumentar a renda de suas famílias, e conseqüentemente, da localidade.

Ignorar isso é um equívoco, uma vez que, nos dias atuais a informalidade está cada vez mais presente, durante todo o ano, não podendo ser diferente nesse período. De acordo com pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, amplamente divulgado pela mídia no mês de agosto passado, o número de pessoas à procura de trabalho era de 2,1 milhões, apenas nas seis maiores Regiões Metropolitanas do país.

A principal causa disso é a redução dos postos de trabalho e o conseqüente aumento do número de desempregados, principalmente daqueles com baixo grau de escolaridade e capacitação técnica, nas últimas décadas. Mas, também a informalidade está associada à necessidade de incremento da renda, já que nos últimos tempos, a renda do trabalhador foi “achatada”. De acordo com Pochmann et al. (2004), a cidade do Recife teve uma redução na formalização do emprego de 11,7% no período de 1980 a 2000.

Este trabalho tem como objetivo principal realizar uma análise preliminar das condições de trabalho de dois tipos de trabalhadores durante o Carnaval de 2005 no Recife. O primeiro grupo é composto dos vendedores de alimentos e bebidas oriundos da Comunidade do Pilar. O segundo são os catadores de materiais recicláveis, que atuaram no Bairro do Recife e que não fazem parte de nenhuma cooperativa.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e os dados foram obtidos através da observação participante e de entrevistas abertas com os vendedores ambulantes e catadores. Esses instrumentos permitiram a observação *in loco* e possibilitaram uma compreensão mais ampla dos problemas vividos no cotidiano do trabalho.

Espera-se que esta análise preliminar possa auxiliar na compreensão das condições de trabalho no comércio informal, especificamente em um evento cultural que envolve grande parte da população e mobiliza esforços e recursos do poder público local.

A escolha pela cidade do Recife, como objeto deste trabalho está diretamente relacionada com as preocupações sociais da atual Administração Municipal e com a importância que o Carnaval recebe na agenda de prioridades do município. Além disso, a festa recifense tem um caráter muito democrático, uma vez que permanece como uma das poucas no Brasil, em que a festa continua sendo gratuita e acessível a todas as camadas da população.

A programação oficial de 2005, divulgada pela Prefeitura do Recife, começou no dia 23 de janeiro. Ou seja, os festejos pré-carnavalescos iniciaram quase duas semanas antes da entrega da chave oficial da cidade ao Rei Momo e terminou oficialmente na manhã da Quarta-feira de Cinzas (09 de fevereiro), totalizando 17 dias de festa.

O Carnaval no Brasil

O Carnaval, assim como o futebol, é um dos símbolos do Brasil. A origem desta festa está relacionada a comemorações pagãs das sociedades antigas. Essa festa integrou-se tão bem à cultura brasileira, que muitos imaginam que seja uma criação nacional. No entanto, no formato como a conhecemos hoje, é uma mistura do entrudo português, das festas da Itália Renascentista e de influências africanas.

Em *Carnavais, Malandros e Heróis*, DaMatta (1997) estabelece uma comparação entre o Carnaval e o Dia da Pátria. Essas comparações são em diversos aspectos. Por exemplo, enquanto o Dia da Pátria é realizado em um dia fixo (7 de setembro), o Carnaval não tem data fixa, estando relacionada com a questão religiosa, uma vez que a terça-feira de carnaval é imediatamente anterior à Quaresma.

Além disso, há a diferença que a Festa da Pátria é realizada durante o dia, com todos os ritos formais e seguindo os princípios da hierarquia, tendo os espaços bem marcados (geralmente, uma avenida preparada para o desfile). Além disso, trata-se de um evento comandado pelo poder público (Exército, Marinha e Força Aérea). Já o Carnaval ocorre durante a noite e em diversos lugares das cidades (além é claro, dos lugares especialmente designados para isso), sendo que a sua organização é feita, geralmente, através das organizações privadas, reunindo pessoas de todas as classes sociais (DaMATTa, 1997, p.55-57).

Nesse mesmo trabalho, DaMatta, compara o carnaval do Rio de Janeiro e o *carnival* de Nova Orleans:

O Carnaval brasileiro, embora se realize em quatro dias, é percebido como uma festa compacta: 'é o tempo do Carnaval'. Um momento especial, onde tudo pode ocorrer; ou seja, sociologicamente, um período em que o mundo social fica pleno de potencialidade e deixa de ser focalizado por meio de seus medidores sociais ordinários (como profissão, bairro, riqueza, poder etc.) [...] Em Nova Orleans, porém a festividade não é de modo algum compacta. [...] Como os bailes e desfiles são atividades separadas, tendo como contraponto toda a sorte de encontros privados, quando a população se divide entre ricos e

pobres, negros e brancos, o carnaval de Nova Orleans é percebido como algo exclusivo de uma classe, em que elementos de discriminação anti-semita e antiitaliana são também encorajados. (DaMATTa, 1997, p.163).

Teoricamente, a festa deveria durar três dias – domingo, segunda e terça-feira –, mas o mais comum é que ela dure pelo menos cinco dias (em várias cidades, como Recife, chega a durar mais de uma semana). As comemorações são intensas, com o predomínio do bom-humor e da sensualidade, sendo em geral, acessível a todos. Segundo Araújo (1996):

O Carnaval é comumente definido como a festa da confraternização universal, a festa da democracia social e racial, que une e iguala a todos: brancos e pretos, ricos e pobres. Esta pressuposta universalidade da festa, capaz de destruir as diferenças e desigualdades culturais internas, de unificá-las e de promover a integração social, possibilitou sua conversão em símbolo da identidade nacional. (ARAÚJO, 1996, p.19).

Entretanto essa característica de universalidade da festa vem tornando-se cada vez mais rara, uma vez que ela está diretamente relacionada à universalização do acesso, para todo o povo. No Rio de Janeiro, por exemplo, a grandiosidade do desfile das escolas de samba está restrita aos membros das comunidades ou para os turistas dispostos a desembolsar uma quantia significativa. E, em Salvador, a presença das pessoas junto aos trios elétricos está sujeita à compra do chamado “abadá”.

Para a grande maioria da população que não possui disponibilidade financeira, as opções carnavalescas nessas localidades ficam restritas. No Rio de Janeiro, desde que a Banda de Ipanema foi formada em 1965 (Ferreira, 2005), surgiram diversos blocos de rua (como Suvaco do Cristo, As Carmelitas de Santa Teresa, Simpatia é Quase Amor e outras tantas). Embora eles façam sucesso, principalmente por relembrar os tempos mais antigos, são tratados como residuais em relação à grande festa da Marques de Sapucaí.

Em Salvador, há o “folião pipoca”, ou seja, aquele que fica do lado de fora dos cordões de isolamento dos blocos, não podendo acompanhar de perto a passagem dos trios elétricos e de seus foliões abastados financeiramente, oriundos das classes média-alta do Nordeste e, cada vez mais, do Sudeste brasileiro. Talvez não seja isso que Dodô e Osmar tenham

idealizado, ao criarem o “trio elétrico”, mas é o resultado da organização profissional e comercial que a festa baiana adquiriu.

Essa mistura entre os interesses culturais e econômicos pode ser melhor observada ainda, se analisarmos as micaretas (os chamados carnavais “fora de época”, em que predominam o axé music). Analisando esse novo tipo de evento, especialmente o Maceió Fest, Silva (2004) afirma:

As pequenas agremiações com formato amadorístico deram lugar às grandes empresas; a lógica do interesse mercantil predomina. As festas se transformaram em grandes negócios, movimentando milhões de reais, e as comemorações carnavalescas atravessaram as fronteiras temporais da quaresma, espalhando-se por todo o calendário na forma de micaretas. (SILVA, 2004, p.13)

Em Recife, cidade objeto deste estudo, a micareta (Recifolia) vem sendo muito criticada e, após ter sido transferida da Praia de Boa Viagem (Recife) para Jaboatão dos Guararapes (município vizinho) foi cancelada em 2004. De acordo com os organizadores este cancelamento ocorreu por causa do 2º turno das eleições municipais (seria na véspera) e voltaria a acontecer em outubro de 2005, o que não ocorreu. Esse cancelamento foi comemorado no Recife, principalmente por aqueles que consideram que eventos como esse não respeitam o patrimônio cultural pernambucano e, portanto, algumas das tradições locais.

Aliás, esse patrimônio cultural é um dos maiores bens do Estado de Pernambuco e da cidade do Recife. E o carnaval é um fator fundamental na preservação e no resgate das tradições locais. Além disso, a festa pernambucana resgata também o seu caráter democrático, em que todos podem participar, independentemente da classe social ou da capacidade de pagamento. Por mais redundante que possa parecer, em uma festa popular, o povo deve participar. E não como mero coadjuvante, mas sim como ator principal!

E aí reside a diferença do Carnaval do Recife para o de outros lugares característicos no Brasil. De acordo com Cascudo (1988), as peculiaridades do Carnaval recifense são evidentes:

O carnaval dos grupos e dos ranchos, das escolas de samba no Rio de Janeiro não é o Carnaval do Recife, o carnaval da participação coletiva popular na onda humana que se desloca, contorce e vibra na coreografia, a um tempo pessoa e geral do frevo, com a sugestão irresistível de suas marchas-frevo pernambucanas, insubstituíveis e únicas.” (CASCUDO, 1988, p.198)

Embora haja muitos ritmos diferentes, o grande comandante da festa é o frevo³, mas há uma infinidade de ritmos e apresentações diferentes como Maracatus, Troças, Caboclinhos, Ursos, Bois, Blocos, Orquestras, Agremiações e também de muitos artistas de renome nacional e internacional.

Além dessa diversidade artística, a cidade também ganha grande destaque na mídia, durante o Carnaval, em virtude do Galo da Madrugada⁴. Trata-se do maior bloco carnavalesco do mundo, de acordo com o livro dos recordes. Em 2005, mais de 1,5 milhão de pessoas acompanharam o Galo no Sábado de Zé Pereira, dando a “largada oficial” para o Carnaval do Recife.

A Cidade do Recife

Recife é a capital do Estado de Pernambuco e considerada uma grande metrópole regional, cuja influência estende-se por toda a região Nordeste do Brasil. De acordo com o site Pernambuco de A/Z (acesso em 08/06/2005), possui uma “área de 220 km², sendo 67,43% morros, 23,26% planícies, 9,3% áreas aquáticas [...]. Localizada no litoral do Estado, a cidade é cortada pelos rios Capibaribe e Beberibe”

A cidade é pobre, mas principalmente desigual: “Recife possui 35,1% (132.091) dos seus domicílios considerados pobres; e as RPA 01 e 02 têm 40,9% (30.538) das suas casas sofrendo diretamente com a pobreza. Mais: concentram 23,1% dos pobres de toda a Recife” (POCHMANN et al., 2004, p. 136).

De acordo com o estudo encomendado pela Prefeitura da Cidade do Recife (PCR), chamado “A Economia da Cidade do Recife” (2003):

³ Segundo o mito popular, a palavra Frevo é oriunda das classes populares que falavam “frever”, ao invés de “ferver”, cujo significado está em fervura ou agitação. A primeira vez que se tem notícia dessa grafia “frevo” foi no dia 12/02/1908 no Jornal Pequeno (Recife-PE).

⁴ O Galo da Madrugada foi criado em 1977 e desfila pelos bairros de São José e Santo Antônio. A concentração começa às 5:30 e o desfile dura até o final da tarde de sábado, pelo menos.

A característica fundamental da economia da Cidade do Recife é a presença marcante do conjunto de atividades terciárias compreendidas pelo comércio (atacadista e varejista) e pelos serviços (de distribuição, coletivos, pessoais e pela administração pública). Como grande centro urbano, a economia do Recife é predominantemente uma economia terciária. Seguem a este grande conjunto de atividades, as que constituem o setor industrial compreendido pela indústria de transformação, pela indústria de construção e pelos denominados serviços de utilidade pública (gás, eletricidade e abastecimento de água). (PCR, 2003, p.5)

O Carnaval representa um crescimento importante no turismo da cidade. Ainda de acordo com a mesma pesquisa, podemos observar na Tabela 1, o número de pessoas formalmente empregadas em atividades relacionadas a esse setor da economia. É importante destacar que a maioria dos empregos está relacionada com restaurantes e estabelecimentos que fornecem alimentação à população e aos turistas.

Tabela 1 - Recife: Emprego Formal em Atividades Seleccionadas de Serviços de Turismo 1994-2000 (Em mil pessoas)

Ativ. Seleccionadas de Turismo	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Total	10,75	12,24	13,47	15,21	16,18	17,51	17,72
Hotéis e estab/alojam/temporário	3,66	3,75	4,05	4,20	4,41	4,45	4,38
Restaurantes, esta/alimentação	6,46	7,83	8,69	10,27	11,09	12,35	12,55
Agências e organiz. de viagens	0,63	0,66	0,74	0,75	0,68	0,70	0,78

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – RAIS apud PCR (2003, p.32)

A participação popular em Recife é bastante significativa. De acordo com Jan Bitoun, “mais de 700 associações de moradores estão envolvidas em ações de gestão participativa, entre as quais algumas foram institucionalizadas há mais de dez anos” (BITOUN, 2000, p.2). Essa participação popular exerce pressão na definição das políticas públicas, seja em canais institucionalizados (como o Orçamento Participativo) ou em outros não-institucionalizados. A criação dos pólos descentralizados de Carnaval, por exemplo, foi uma demanda popular atendida pela Prefeitura.

Economia Informal

Para facilitar a compreensão semântica do trabalho informal, recorre-se ao seu sinônimo que é o sub-emprego, cuja definição de Sandroni (2004) é:

Situação sócio-econômica dos trabalhadores que se dedicam à prestação de serviços avulsos de baixa remuneração ou só encontram trabalho em certos períodos do ano. O subemprego crônico de parte da mão-de-obra é uma característica do subdesenvolvimento. Nos centros urbanos brasileiros, o subemprego se manifesta através da existência de grande número de pessoas que vivem de biscates (venda de mercadorias nas ruas e calçadas, lavagem de carros, etc.), e na zona rural o caso mais típico é representado pelo trabalho temporário dos bóias-frias por ocasião das colheitas de frutas, café, cana-de-açúcar, algodão, etc. (SANDRONI, 1994, p.338)

O trabalhador informal sofre não só com a instabilidade causada pela não-formalização da sua condição, e suas conseqüências econômicas, mas também com o significado que isso traz, em termos de dignidade e cidadania. Noronha (2003) afirma:

A invenção peculiar da carteira de trabalho teve variados significados simbólicos e práticos. Durante muito tempo funcionou (e marginalmente ainda funciona) como uma verdadeira carteira de identidade ou como comprovante para a garantia de crédito ao consumidor, prova de que o trabalhador esteve empregado em “boas empresas”, de que é confiável ou capaz de permanecer por muitos anos no mesmo emprego. [...] De todo modo, a assinatura em carteira torna mais fácil ao empregado a comprovação da existência do vínculo empregatício. Enfim, popularmente no Brasil, ter ‘trabalho formal’ é ter a ‘carteira assinada’. (NORONHA, 2003, p.113-114)

O contexto do Carnaval do Recife de 2005

Todo ano, a cidade do Recife homenageia alguma figura histórica ligada aos festejos carnavalescos. Os homenageados de 2005 foram Dona Santa (principal rainha do Maracatu de Baque Virado Nação Elefante, que faleceu em 1962) e Mestre Salustiano, ou simplesmente Mestre Salu (rabequeiro, criador do Maracatu Piaba de Ouro, atualmente com 60 anos). Essas homenagens têm um componente essencial de resgate cultural.

A organização da festa é muito complexa. Para começar, foram criados na região central (incluindo o Bairro do Recife, ou Recife Antigo), oito pólos de diversão: Marco Zero, Mangue, das Fantasias & Carnaval Infantil, de Todos os Frevos, das Agremiações, de Todos os Ritmos, Afro e das Tradições.

Além disso, para confirmar a intenção de descentralização da festa (deslocando parte dela, do centro da cidade para os bairros periféricos), foram criados mais oito Pólos Descentralizados: Nova Descoberta, Chão de Estrelas, Alto José do Pinho, Casa Amarela, Santo Amaro, Afogados, Ibura e Várzea.

Em cada um dos dezesseis pólos, havia uma programação diferente, com ritmos variados e respeitando as tradições locais. Os artistas mais famosos fazem shows em vários pólos, permitindo que a população possa vê-los, sem a necessidade de deslocar-se para o Recife Antigo.

Entretanto, a maior parte do público concentra-se na Região Central. Em todos os pólos, a Prefeitura concede a algumas associações o direito de comercializar produtos em barracas padronizadas. Em 2005, eram noventa, no total. Até alguns anos atrás, a situação era bem diferente, uma vez que o evento era organizado pela empresa “Engrenagem de Produção”, que cobrava R\$ 2.000,00 (dois mil reais) de cada um dos locatários das barracas.

A partir dessa mudança, a situação dos vendedores melhorou bastante. E, os pólos foram divididos de forma, que as barracas pudessem ser exploradas por associações comunitárias ligadas à região em que está localizado o pólo. Um exemplo disso, é que no “Pólo das Fantasias e Carnaval Infantil”, parte das barracas está sob responsabilidade da Associação dos Empreendedores do Pilar.

Análise Preliminar das Condições de trabalho no carnaval do Recife de 2005

Associação dos Empreendedores do Pilar:

A “Comunidade do Pilar” (antiga Favela do Rato, localiza-se no centro do Bairro do Recife. Geograficamente, os seus limites são: Fábrica Pilar (Norte); Moinho Recife e Companhia dos Produtores de Açúcar e Álcool de Pernambuco (Sul); Avenida Alfredo Lisboa (Leste); e Rua do Brum (Oeste).

Esse assentamento teve início na década de 1970 e o seu crescimento “vem sendo significativo, potencialmente atrelado ao sucesso do processo de revitalização do bairro nos últimos anos” (PREFEITURA DO RECIFE, 2001, pg.6). De acordo com dados do Censo Demográfico do IBGE de 2000, o bairro do Recife teve uma taxa de crescimento populacional de 5,63%, bem superior à do Recife (1,02%).

É importante ressaltar que se trata de uma das regiões mais pobres do Recife, embora sua população seja relativamente pequena. Ainda de acordo com o Censo de 2000, 925 habitantes residiam no Pilar. Segundo Prefeitura do Recife (2001):

A deterioração da área do Pilar é acentuada. Poucas fachadas dos imóveis desapropriados sobreviveram ao desafio do tempo. Em decorrência do processo de degradação da área do entrono, a Igreja do Pilar encontra-se permanentemente fechada sem qualquer uso e com fachadas deterioradas. As áreas públicas encontram-se em avançado estado de desgaste e com uma comunidade caracterizada por péssimas condições de vida (além de ratos, há alta incidência de escorpiões na área). A população ocupa a periferia das quadras demolidas, nos pequenos barracos de madeira, papelão ou alvenaria em precárias condições de habitabilidade. (PREFEITURA DO RECIFE, 2001, p.6)

Essas precárias condições de habitação também podem ser observadas em outro estudo da Prefeitura do Recife (2005):

Apenas 35% dos seus domicílios estão conectados a rede geral de abastecimento de água e 48% não possuem esgotamento sanitário. Esta situação se agrava quando se verifica que 31% dos responsáveis por seus domicílios estão sem rendimento ou recebem até ½ salário mínimo por mês, e que 41% desses responsáveis não têm instrução ou estudaram menos que 1 ano. (PREFEITURA DO RECIFE, 2005, p.4)

Para melhorar as condições descritas, a Prefeitura do Recife criou o Plano de Requalificação e Inclusão Social da Comunidade do Pilar, a ser desenvolvido pela URB (Empresa de Urbanização do Recife). A idéia é, a partir da reforma da Igreja Nossa Senhora do Pilar, desenvolver uma série de medidas, cujo objetivo é melhorar a situação da comunidade.

Entretanto, alguns anos antes dessa proposta, já começou a surgir um movimento que está trazendo melhorias para a região. Isso porque, em 2001, foi criada a Associação do Pilar. Essa organização foi juridicamente constituída em abril de 2004. De acordo com o Art. 2º do Estatuto da Associação dos Empreendedores da Comunidade do Pilar (Anexo II), os principais fins são:

I - -buscar espaço para seus associados em todos os eventos que acontecerem no Recife e em toda a Região Metropolitana;

II- proporcionar meios de trabalho e renda para seus associados;

III- promover a capacitação profissional dos associados;

IV- construir a união e a solidariedade entre os associados e seus familiares;

V - contribuir para o fortalecimento da comunidade do Pilar

Pode-se portanto perceber a grande importância para os eventos. E como o Carnaval é um dos mais importantes acontecimento no Recife (ao lado da Festa de São João e do Natal), a expectativa em relação à ele é muito grande. Através de entrevistas com os associados,

notou-se que a possibilidade de ganhos faz com que toda a comunidade se envolva no Carnaval.

Em 2005, a Associação do Pilar teve direito a 12 barracas, sendo que a grande maioria delas localizava-se no “Pólo das Fantasias e Carnaval Infantil”, na Praça do Arsenal da Marinha. A escolha desse local está relacionada com a proximidade em relação à Comunidade.

Entretanto, alguns associados não parecem satisfeitos com o pólo. Segundo Luzinete do Monte Gomes, moradora do Pilar há 12 anos e uma das fundadoras da Associação, trata-se de um local com “movimento fraco”. Isso porque a programação na Praça do Arsenal termina mais cedo do que a dos outros pólos. Realmente isso ocorre (inclusive por ser voltado para o público infantil), mas é preciso ressaltar que a programação desse pólo começa bem mais cedo do que os demais (novamente, por causa das crianças).

Segundo Luzinete, um outro problema está relacionado aos custos fixos para montar a barraca, que são os seguintes:

Tabela 2: Custos Fixos de uma Barraca

<i>Despesa</i>	<i>Valor</i>
Aluguel – Toldo Padronizado	R\$ 300,00
Aluguel – Freezer	R\$ 80,00
DIRCOM	R\$ 88,90
EMLURB + CELPE	R\$ 60,00
Total	R\$ 528,90

Para que possa realizar essa montagem, tanto Luzinete como a maioria das associadas, obteve um empréstimo junto ao Banco do Povo. A média do empréstimo era de R\$ 1.200,00, que foram utilizados para montar as barracas e comprar os produtos a serem comercializados.

Como a Associação não se reúne para realizar compras conjuntamente, estas são realizadas em grandes redes de supermercados, aproveitando as ofertas, de forma a conseguir o menor custo. Os produtos em geral comercializados são cervejas, refrigerantes, água e espetinhos

(de carne, frango, lingüiça e queijo) assados. Ou seja a maioria da renda estava diretamente relacionada à produtos comercializados pela Ambev e pela empresa São Mateus Frigorífico⁵. A “desigualdade de forças” e de poder de negociação fica evidente. Entretanto, a união dos associados poderia melhorar essa situação.

Um outro problema apontado por Luzinete são os ambulantes que, por possuírem custos fixos bem menores, conseguem vender seus produtos mais baratos. Além, é claro, da concorrência entre os demais vendedores.

Em cada uma das barracas trabalham, pelo menos, 4 pessoas, embora esse número possa ser maior, dependendo da localização e do produto a ser comercializado. No caso de Luzinete, trabalhavam quatro parentes e a expectativa é de que no final do Carnaval, cada um iria lucrar R\$ 200,00. Em se tratando de um dos principais eventos do Ano e, quando o movimento é maior, essa lucratividade pode ser considerada baixa.

Catadores de Materiais Recicláveis:

A situação dos catadores de materiais recicláveis pode ser considerada ainda pior. Vivendo no limite entre a chamada “vida correta” e a marginalidade, as condições observadas são degradantes. Conforme o relato de um deles: “Nós não trabalhamos com o lixo; nós nos sentimos o próprio lixo”.

E, infelizmente, uma parte desse sentimento vem das próprias pessoas e dos turistas que parecem desprezá-los e que muitas vezes chegam até a chutá-los quando estão agachados para catar as latinhas. Sem dúvida, uma atitude lamentável.

A possibilidade de incremento de renda através da comercialização de materiais recicláveis, faz com que muitos bares e restaurantes, utilizem seus seguranças e garçons para recolher o material consumido, dificultando o trabalho dos catadores. Para eles, esse problema e a forma como eles são tratados pelos Policiais, faz com que se sintam envergonhados da atividade.

⁵ A São Mateus Frigorífico é a maior produtora de frios e embutidos, nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil e produz os espetinhos que são comercializados na maiorias das barracas durante o Carnaval.

Mais lamentável ainda, é a forma desonesta e desrespeitosa com que a empresa Natureza Viva Reciclagem (vencedora da licitação para a coleta de materiais recicláveis) os trata. Durante o período em que foi realizada esta pesquisa, diversas irregularidades puderam ser percebidas.

A primeira coisa que chamou a atenção foi a fila de catadores que se formava a poucos metros da Praça do Marco Zero (principal cartão postal do Recife Antigo), onde eram realizados os principais shows. Era no final da manhã e muitos deles dormiam ao lado dos sacos que continham o resultado do trabalho. Dentre as 28 pessoas que estavam na fila (além de 4 crianças), a sensação parecia igual para todas: decepção.

De acordo com a informação dos próprios catadores, eles estavam lá desde a madrugada anterior, esperando o caminhão da empresa, que viria pesar o material e pagar aos catadores o valor devido. Ainda segundo eles, o combinado com a prefeitura era de que o caminhão deveria passar a cada duas horas (principalmente à noite e durante a madrugada, em virtude do maior movimento nesses horários), pesar a quantidade coletada e pagar as catadores.

Entretanto, à uma hora da manhã, o caminhão recolheu apenas uma quantidade pequena de materiais e foi embora, alegando que tinha acabado o dinheiro. E, que voltaria logo em seguida. No entanto, esse retorno só ocorreu às 15 horas, ou seja, 14 horas depois do previsto! Isso fez com que todos eles tivessem que dormir na rua, sem poder voltar pra casa, inclusive as crianças.

Segundo o Sr. Teofanes Junior, representante da Natureza Viva, esse problema foi uma exceção e não havia ocorrido em nenhum outro dia. Já os catadores disseram que não era verdade e que todo dia, esta situação se repetia.

Uma outra queixa procedente dos catadores era em relação à balança. Todos diziam que se sentiam roubados, porque tinham certeza de que nos sacos o peso era bem maior do que o apontado na balança. Sem o devido conhecimento técnico, não é possível afirmar que isso estivesse realmente ocorrendo. Entretanto, havia outros problemas em relação à balança.

A empresa alegava que uma das balanças estava quebrada e por isso teria que utilizar uma substituta. O problema é que a balança “quebrada” era específica para pesos menores (até 50kg). Por outro lado, a substituta era para pesos em torno de 300kg. Como, em média, os sacos não passavam de 10kg, a balança não tinha sensibilidade suficiente para identificar

pequenas variações. Ou seja, os catadores sempre recebiam menos do que deveriam. No Carnaval, os valores pagos aos catadores eram:

Tabela 3: Valores por produto

Material	Valor / Kg.
Alumínio	R\$ 3,50
Garrafa PET	R\$ 0,50
Aço	R\$ 0,25

Durante as entrevistas realizadas, pode-se constatar muitas semelhanças entre as pessoas. A principal delas é que nenhum deles considerava-se como catador profissional e por isso, não tinham interesse em ingressar em alguma das cooperativas de reciclagem existentes no Recife. Todos tinham uma profissão (mesmo que naquele momento, estivessem desempregados) e dela, orgulhavam-se.

Um exemplo disso é o Sr. João Ferreira Maciel, de 48 anos, que era eletricitista formado pelo SENAI. Desempregado há seis meses, ele estava acompanhado da mulher, Dona Antônia e do filho Eliel, de 16 anos. Os três haviam começado o trabalho às 17:00 e terminado às 05:00 do outro dia. Por causa do atraso do caminhão tiveram que se revezar, enquanto dormiam, para cuidar do material coletado. A renda obtida pelo trabalho dos três foi de R\$ 29,00. Entretanto, cada um deles gastou R\$ 5,00 em comida (café da manhã e almoço) e R\$ 3,00 para ir e voltar de ônibus, uma vez que moravam longe do Recife Antigo. Ou seja, ganharam R\$ 29,00 e gastaram R\$ 24,00. Sobraram R\$ 5,00, que dividido entre as três pessoas, resulta em um lucro R\$ 1,67.

Quando questionado se havia valido a pena tanto trabalho, para ganhar menos de dois reais, a resposta do Sr. João foi a seguinte: “pelo menos, conseguimos comer hoje”.

Um outro exemplo foi a Sra. Edineuza, que trabalha como faxineira. Era uma das mais revoltadas com o descaso da empresa responsável pelo pagamento. Ela sempre dizia que se sentia a “própria Escrava Isaura”. Tinha começado a trabalhar às 18:30h acompanhada da sobrinha Edilene, de 14 anos, que trabalha como camelô⁶. Juntas, conseguiram R\$ 19,80.

⁶Edilene recebe também R\$ 15,00 por mês do Programa Bolsa-Família do Governo Federal.

Tiveram os mesmos gastos da família do Sr. João, sobrando, portanto, R\$ 1,90 para cada uma.

A resposta à pergunta se havia valido a pena, foi diferente. Em silêncio, apenas um aperto de mão para despedir-se, e uma lágrima nos olhos.

Considerações Finais

Sem dúvida, o Carnaval do Recife merece muitos elogios. Trata-se de um importante evento que mantém as tradições pernambucanas e brasileiras. A mistura de ritmos e o caráter democrático e popular da festa são as suas principais atrações.

Para organizar essa enorme festa, a Prefeitura e os servidores públicos trabalham arduamente, desde o início do planejamento (que ocorre mais de seis meses antes) até depois da Quarta-feira de Cinzas. Mas, a grande maioria das centenas de milhares de turistas nacionais e estrangeiros que vão ao Recife todos os anos, nem percebe esse trabalho.

Praticamente todos os setores da população pernambucana, de algum forma, são afetados diretamente pelo Carnaval. E, muitos aproveitam a festa não só para se divertir, mas também para conseguir um trabalho e/ou incrementar a renda da família. São milhares de pessoas nessa situação. As empresas também aproveitam essa época para aumentar os seus lucros.

Embora a grande mídia sempre exalte os impactos econômicos trazidos pelo Carnaval, é preciso olhar essas informações com bastante cuidado. Isso porque essa excessiva esperança pode rapidamente transformar-se em desilusão, principalmente para a camada mais pobre da população.

Por uma questão de tempo, foram realizados apenas dois recortes dentro das inúmeras opções de trabalhos informais possíveis. E, mesmo com essa pequena amostra, é possível notar que ainda há melhorias possíveis de serem feitas por parte do Poder Público.

No caso da Associação dos Empreendedores da Comunidade do Pilar, a baixa lucratividade das barracas é considerável. Sem dúvida, a situação está bem menos precária do que alguns anos atrás, mas poderia ser melhor. Uma das possíveis soluções é a criação

de um Pólo de Gastronomia Regional, na praça do Arsenal da Marinha. Dessa forma, os comerciantes aumentariam sua margem de lucro e diminuiriam o grau de dependência em relação às grandes empresas fornecedoras de alimentos e bebidas.

A situação dos catadores de material reciclável é mais dramática. Essa camada da população encontra-se no limite da marginalidade e sente-se cada vez mais excluída da sociedade. Não bastasse isso, eles ainda foram “enganados” pela empresa que por ter a concessão de um serviço público, deveria demonstrar um mínimo de respeito ao povo. Se toda a renda obtida com o Carnaval fosse, metaforicamente, transformada em um bolo, é bastante razoável dizer que para os trabalhadores informais sobram apenas as migalhas. Os grandes pedaços continuam indo para grandes redes hoteleiras e de supermercados e empresas como a Ambev, Coca-Cola e São Mateus Frigorífico.

Ou seja, até o Carnaval – cujo objetivo é de integrar e trazer alegria às pessoas –, acaba ajudando a acentuar ainda mais a péssima distribuição de renda que temos no Brasil. Infelizmente.

Referências bibliográficas:

AÍMOLA, Luis Antônio Lacerda. 20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania. Organizadores: Gabriela Spanghero Lotta, Hélio Batista Barboza, Marco Antonio Carvalho Teixeira e Verena Pinto. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania, 2003, 272 p.

ANDRADE, Jackeline Amatino de & GUERRERO, Raquel P. Unidades de Reciclagem de Porto Alegre. Organizadores: Marta dos Santos Farah e Hélio Batista Barboza. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania, 2001, 279 p.

ARAÚJO, Rita de Clássica Barbosa de. Festas: Máscaras do tempo: entrada, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de cultura cidade do Recife, 1996.

BARBOZA, Helio Batista et al. Histórias de uma Brasil que funciona. Programa Gestão Pública e Cidadania, 2004, 106p.

BITOUN, Jan. Territórios do Diálogo: palavras da cidade e desafios da gestão participativa no Recife (Brasil). Recife, Revista de Geografia, vi. 2, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, 812p. 6ª edição

COMUNIDADE DO PILAR. Estatuto da Associação dos Empreendedores da Comunidade do Pilar. Recife: 2005, 5p.

DaMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 350p. 6ª edição.

DEJOURS, Christophe. A Banalização da Injustiça Social. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999, 160p. 1ª edição

FERREIRA, Felipe. O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 421p.

NERI, Marcelo C. & GIOVANINI, Fabiano da S. Empresários nanicos, garantias e acesso à crédito. Ensaios Econômicos, Rio de Janeiro, n. 518, 23p. Dez./2003.

NORONHA, Eduardo Garutti. *Informal, ilegal, injusto: percepção do mercado de trabalho no Brasil*. São Paulo, Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.18, n. 53, p. 111-127, Out./2003.

POCHMANN, Marcio et al. (Orgs.). *Atlas da Exclusão Social no Brasil – Volume 2: Dinâmica e manifestação territorial*. São Paulo: Cortez Editora, 2004. 2ª edição.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. Economia da Cidade do Recife. Recife: 2003, 74p.

PREFEITURA DO RECIFE. Diagnóstico Sócio Econômico – Comunidade do Pilar – Bairro do Recife. Recife: 2001, 20p.

_____. O Bairro do Recife. Recife: 2005, 4p.

SANDRONI, Paulo. *Novo Dicionário de Economia*. São Paulo: Círculo do livro, 1994. 8ª edição.

SILVA, Gustavo Madeiro da. *Carnaval, Mercado e Diferenciação Social*. 2004. 138p. Dissertação (Mestrado, Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE.

THEODORO, Mário et al. *Atividades informais – evolução e condicionantes atuais: o caso dos trabalhadores autônomos do Recife*. IPEA – Texto para discussão, Rio de Janeiro, n. 864, mar/2002.

Consultas - Internet

ABONG, Página Institucional (<http://www.abong.org.br>) – Acesso em 17/11/2005

MAPA DO TERCEIRO SETOR, Página Institucional (<http://www.mapadoterceirosetor.org.br>)

PERNAMBUCO DE A a Z, Página Institucional (<http://www.pe-az.com.br/recife/recife.htm>) - Acesso em 08/06/2005

PREFEITURA DO RECIFE, Página especial sobre o Carnaval 2005 (<http://www.recife.pe.gov.br/carnaval/>)

VALOR ON-LINE

(<http://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/valor/2005/05/19/ult1913u29895.jhtm>)

Artigo recebido em 18/05/2005. Aprovado em 30/06/2005.